

RECONHECIMENTO DA SINGULARIDADE NAS RELAÇÕES EDUCATIVAS: REFLEXÕES E DESAFIOS PARA A ESCOLA

Elisabete Cardieri (UNESP)
ecardieri@ibb.unesp.br

Conflitos interpessoais na instituição educativa: ética e moralidade na sociedade pós-moderna

As práticas educativas organizam-se a partir de relações interpessoais e se realizam como encontros nos quais a subjetividade, as características e a história de cada sujeito se fazem presentes. Particularmente, o cotidiano escolar tem cada vez mais suscitado inúmeros questionamentos sobre as relações ali vivenciadas que se manifestam em gestos de desrespeito e violência. Esse contexto provoca também a indagação: em que medida o ambiente e as práticas escolares favorecem o reconhecimento da singularidade que caracteriza cada sujeito – professores e alunos – com suas percepções, concepções e afetos. O objetivo desse trabalho é apresentar algumas reflexões sobre a dimensão de singularidade que nos constitui dialogando com algumas contribuições teóricas advindas da Biologia do Conhecimento e da Psicanálise. Nesse sentido, discute-se que, ao assumir o desafio constante da percepção e o reconhecimento das singularidades, a comunidade escolar pode estimular e promover vivências de diálogo em que se assuma o respeito ao outro como experiência fundante para a formação ética.

Palavras-chave: relação educativa; singularidade; diálogo; relações na escola.

INTRODUÇÃO

As práticas educativas sempre se realizaram inspiradas ou orientadas por concepções e pré-concepções acerca do ser humano, da aprendizagem, dos objetivos da educação, de valores fundamentais para convivência comunitária e inserção social. Tanto nas práticas cotidianas da educação informal, quanto nas ações educativas formalmente organizadas, nem sempre tais concepções estão explícitas para seus agentes. Por vezes estão vinculadas a valores e práticas instituídos em uma determinada comunidade, outras são expressões de princípios e referências assumidos apenas por um grupo de educadores ou

mesmo por uma pessoa. Tal diversidade se manifesta em culturas diferentes (comunidades indígenas, rurais, em grandes ou pequenas cidades), mas também pode ser percebida nas várias propostas educativas apresentadas por escolas particulares.

No entanto, nesse contexto podemos reconhecer que, a partir da Modernidade, algumas concepções assumiram efetivamente um caráter prevalente tanto nas elaborações da Filosofia, como nas atividades da Ciência nascente, mas com efeitos na organização e nas práticas da educação formal.

As dimensões de racionalidade e regularidade que nortearam as investigações e reflexões científicas, em vista de um saber universal, incidem também nas práticas educativas ao inspirar e estabelecer ideais e procedimentos de formação. Desde Comênio, no início da Idade Moderna, constatamos a reflexão pedagógica (em diálogo com a Filosofia e as Ciências) dedicada a explicitar quem é o ser humano, o aluno, o professor; como ocorre o processo de conhecimento, a aprendizagem etc, e, a partir daí, propor procedimentos para uma atuação educativa exitosa, enfim, “ensinar tudo a todos.”

Pode-se apontar que a concepção de ser humano como sujeito racional, que se desenvolve cumprindo processos naturais comuns à espécie, constituiu-se como uma referência que, por séculos, sustentou não apenas o fazer pedagógico, mas também suscitou o caráter de universalidade, ou seja, de padronização da atuação humana, e supervalorizou áreas nas quais prevalecem as habilidades intelectuais formais, tais como os cálculos e as línguas.

Se, por um lado, o estabelecimento de padrões explicativos possibilitou a expansão do conhecimento sobre fenômenos naturais, por outro, em especial para as ciências humanas, minimizou e descartou aspectos também essenciais, mas que não se enquadravam na lógica do universal.

No entanto, é interessante perceber que, o próprio processo de investigação e de aprofundamento vertical desencadeou pesquisas que possibilitaram incluir e articular elementos e fatos não reconhecidos anteriormente. Nes-

se âmbito, a Psicanálise pode ser apontada como uma das contribuições significativas, na medida em que ousou investigar situações que o saber médico de então não considerava relevantes. Encontramos o mesmo movimento na Física (física quântica, teoria do caos) e na Química (com a teoria das estruturas dissipativas) como expressões da busca de novas referências de compreensão de fenômenos complexos.

Trazemos para nossa discussão algumas contribuições da Psicanálise (de orientação lacaniana) e da Biologia (em particular, a Biologia do Conhecimento) para refletirmos sobre a dimensão de singularidade que constitui cada ser humano, a partir de seu organismo e das tramas tecidas nas vivências mais elementares e fundantes de sua existência. Essas reflexões contribuem para nos distanciarmos de concepções (ou pré-concepções) acerca de um suposto sujeito universal e genérico (“a criança”, “o adolescente”, “o professor”) e voltarmos nosso olhar para o sujeito singular e o que cada um tece, estabelece, constitui consciente e/ou inconsciente nas relações que vivencia. Uma hipótese para compreendermos os conflitos na escola é que eles se estabelecem quando concepções singulares são tomadas como únicas, soberanas, verdadeiras e, nesse sentido, negadoras da diversidade que se revela em cada encontro. Concepções diferentes, como veremos, são inevitáveis, a questão que se coloca é como lidamos com elas: tomando-as como oportunidade para ampliar nossa concepção original; ou simplesmente negando-as?

SINGULARIDADE HUMANA: ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES DA BIOLOGIA

Uma das realidades mais óbvias da nossa existência humana é a diversidade que se manifesta nos encontros cotidianos com tantas pessoas, tão diferentes e singulares. Com licença ao tom coloquial, essa diferença “está na cara”, no rosto de cada um, mas também se revela na impressão digital, no

DNA, na tonalidade de voz, na íris, entre outros elementos que constituem nosso organismo como único e irrepitível.

Maturana e Varela (1995, p.87), dois biólogos chilenos, ao investigar a relação entre os seres vivos e o meio que os envolve, destacam um processo vital sofisticado no qual cada organismo se constitui como um sistema autopoietico, ou seja, “[...] ele se levanta por seus próprios condões, e se constitui como *distinto* do meio circundante mediante *sua própria dinâmica*, de modo que ambas as coisas são inseparáveis.” (grifos nossos). Na tarefa de manter-se vivo, todo organismo se manifesta como uma *organização* específica, com características próprias à espécie e invariante, ou seja, ser humano nunca gerará uma girafa. E, a partir desta organização, cada ser vivo tece e estabelece uma *estrutura* singular que vai se configurando em cada relação vivenciada com os outros elementos que se lhe apresentam cotidianamente. Morin (1996), de forma muito próxima, destaca todo ser vivo se apresenta como sistema auto-eco-organizador: promove organização em si mesmo e no meio no qual está imerso para garantir a própria sobrevivência.

Pesquisadores vinculados às neurociências, (CHANGEUX, 1991, 2001; DAMÁSIO, 1996, 2000; SCHNITMAN, 1996) também enfatizam que, apesar das profundas semelhanças entre os organismos humanos, um olhar mais atento nos permite constatar que essa constituição singular, única e irrepitível, fará com que cada organismo atue e vivencie cada situação de forma também singularmente única. Nesse processo são incluídas: as percepções captadas através dos sentidos, a memória como processo de *construção* de imagens da realidade e não como ‘cópia’ do mundo externo, a articulação dos significados que as palavras evocam e que estão vinculados à nossa história de vida. É interessante perceber que essa ênfase à singularidade não se restringe ao âmbito conceitual ou filosófico, mas está vinculada a resultados de investigações cuidadosas no âmbito das neurociências e da biologia.

Isso nos convida a pensar que, ao olhar para cada pessoa, possamos reconhecer que a diferença que se manifesta naquele organismo é apenas um

aspecto preliminar para reconhecemos uma história distinta de qualquer outra pessoa, que comporta em si concepções, lembranças, crenças e ações com sentidos singularmente tecidos.

Ao constatamos tais perspectivas tão fundantes, por que vinculadas ao que sustenta o que somos e o fato de existirmos (como corpo vivo), também indagamos em que medida tais conceitos e concepções podem nos ajudar a reconhecer o outro como portador de vivências, experiências e percepções – registradas e marcadas no corpo – que são distintas de todas as demais pessoas. E ainda, em que medida esse reconhecimento poderia favorecer a abertura à escuta e ao diálogo com o diverso como um dos fundamentos para a vivência ética.

Entretanto, para além de nosso organismo (que nos faz semelhantes a todo ser vivo na luta pela sobrevivência), ou melhor, fundado nele, a experiência humana historicamente estabeleceu modos de viver e sobreviver que ultrapassam a determinação genética e instintual. Com a convivência e as potencialidades inerentes ao seu organismo, o “animal humano” inventou a linguagem e, a partir dela, nomeia as coisas que o cercam: outros seres, objetos, sentimentos, vivências procurando assim organizar racionalmente a realidade e o mundo no qual está imerso.

A linguagem se integrou de tal forma à dinâmica vital que não nos damos conta dos efeitos que provoca, e das dimensões que revela sobre nossa existência: a nomeação, a comunicação, o estabelecimento de significados, de modos de convivência, leis, regras, interditos, explicações sobre a vida e o mundo, elaborações científicas, míticas, teológicas, como expressões que caracterizam as comunidades cultural e historicamente.

Interessante constatar que, como modalidade de expressão, a linguagem permite o estabelecimento de um universo comum – de concordância, digamos assim – que permite que as pessoas se comuniquem entre si discorrendo sobre conceitos e coisas, representados pelas palavras, e, a partir delas, se entendam (aliás, como estamos fazendo neste momento).

No entanto, na mesma medida em que a palavra possibilita identificar, nomear, diferenciar um elemento de outros, ela também é portadora de equívocos, ruídos, dissonâncias, ou seja, há algo que circula além do dito e/ou a partir do dito. A percepção dessa dimensão tão humana e a escuta atenta aos múltiplos sentidos que ultrapassam as “intenções racionais” veiculadas pela linguagem – e expressas por cada um – foram contribuições proposta por Freud e a Psicanálise que ampliaram nossas concepções sobre a complexidade humana.

SINGULARIDADE HUMANA: ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE

Num período marcado pela expansão científica e pelo entusiasmo positivista, fundados na racionalidade e nos procedimentos experimentais, as inquietações de Freud o conduziram a insistir e investigar aspectos nem sempre considerados relevantes pela ciência médica de então. Diante de procedimentos que valorizam os padrões de funcionamento biofisiológico do organismo humano, a curiosidade freudiana observou, com o mesmo rigor solicitado pela Ciência, os “padrões” sutis que se manifestavam nos relatos distintos apresentados por pessoas distintas. Sua atenção e, ainda mais, sua escuta atenta favoreceram o reconhecimento dos efeitos singulares de palavras e vivências suscitando sonhos, desejos e temores que, muitas vezes, provocavam impasses para uma vida saudável física e socialmente, ou seja, geravam os sintomas que impediam que as pessoas vivessem e fossem capazes “de amar e trabalhar”. Há aspectos da vida humana que ultrapassam explicações racionais, mas que exercem um papel inegável nos modos de ser e viver e revelam também o fora-de-sentido que nos constitui.

O reconhecimento, por Freud, do inconsciente como uma dimensão fundante de nossas vidas se fez não apenas indicando que há algo para além da consciência, mas ressaltando que *isso* que não pode ser categorizado e circuns-

crito a padrões universais. Aliás, é sempre muito interessante perceber como Freud, durante o próprio percurso de elaboração da teoria psicanalítica, procedeu a revisões provocadas pelas manifestações inconscientes veiculadas nas falas de seus pacientes.

A escuta atenta aos relatos, às construções de linguagem, às emoções que ali se expressavam e, acima de tudo, a insistência para que os relatos fossem livremente apresentados, permitiram a percepção e o reconhecimento de sentidos específicos – singularmente tecidos pelos sujeitos – para as situações vivenciadas (ou presumidamente vivenciadas). Os sentidos, as explicações e as significações não são dadas a priori, segundo um quadro de referências pré-estabelecidas, mas pelo próprio sujeito ao tecer sua fala.

O inconsciente se expressa nessa trajetória singular que se apresenta nos sonhos, nos chistes, nos atos falhos, e também em outras múltiplas expressões que caracterizam modos de ser e agir, e que nem sempre sabemos explicá-las através de razões conscientes. Constatamos inúmeras vezes que há um descompasso entre o que foi dito e o que se queria dizer; entre o que foi falado e os efeitos dessa fala no outro.

O psicanalista Jacques Lacan também contribuiu para nos aproximarmos da trama que é tecida singularmente através da linguagem revelando-nos como sujeitos cindidos, divididos entre uma dimensão consciente e outra inconsciente. Nessa divisão reconhecemos nossos limites para dizer as palavras que expressem tudo o que vivemos e o que somos, pois haverá sempre algo que escapa.

A exemplo de Freud, as contribuições lacanianas foram revistas e ampliadas pelo próprio Lacan sempre muito atento às novas situações, impasses e, em especial, aos sintomas que se apresentavam à sua clínica e à cultura. Nesse trajeto, é possível brevemente apresentarmos três dimensões (ou três registros) que nos permitem compreender aspectos que sustentam as tramas e dramas que cada sujeito se vê confrontado na tarefa de sobreviver.

Inicialmente (o que é considerado a primeira clínica), encontramos ênfase e valorização da dimensão da linguagem e da fala que caracterizam o registro do simbólico como instância que busca organizar o existir a partir de explicações, concepções e teorias racionalmente elaboradas. Ao dedicar-se a compreender o funcionamento do inconsciente a partir da linguagem, Lacan assinala o caráter de constante deslocamento dos sentidos, de deslizamento da significação, posto que o sentido não está garantido na relação linear palavra-coisa, mas se estabelece na relação entre os significantes. Nesse sentido, através da fala expressamos conscientemente o que “sabemos” e também o que “não sabemos” de nossas vivências singularmente tecidas. A escuta atenta possibilita, para além de reconhecer os limites da linguagem, indagar sobre os sentidos “sem-sentido” que emergem “sem querer”, mas que marcam a singularidade de cada um.

Outra dimensão sempre tão presente na experiência cotidiana e que, de algum modo, vincula-se ao Simbólico é o registro do Imaginário. Seja através das concepções sociais, dos ideais, modelos, padrões que circulam na nossa sociedade globalizada, ou através de concepções e pré-concepções culturais ou pessoalmente estabelecidas, estamos imersos num mundo em que a imagem prevalece e nos toca de forma imediata. Não obstante seu caráter fluído, as imagens se antecipam e exercem sua efetividade nas relações pessoais e também na escola (“bom aluno”, “bom professor”, “fracasso escolar”, etc).

Se por um lado, numa perspectiva social, o contexto atual intensifica essa prevalência das imagens através dos múltiplos canais de comunicação; por outro, numa perspectiva da singularidade, é interessante fazer referência ao Estágio do Espelho e o papel fundante das imagens primordiais na constituição do sujeito, tal como proposto nas primeiras reflexões lacanianas. Ou seja, somos capturados pelas imagens. Nesse sentido, é preciso destacar que, desde as elaborações iniciais até seu último ensino, Lacan enfatizou o necessário deslocamento frente às imagens estabelecidas que imobilizam e paralisam

o sujeito frente ao seu desejo e a constituição de um novo trajeto. A questão que permanece inquietando a clínica é: será que o sujeito deseja descolar-se dessas imagens assumidas e/ou construídas que o mantém paralisado em seus impasses, em seu sintoma. O que o sustenta nessa posição?

Lacan, no desenvolvimento de seu ensino, cada vez mais se defronta com algo que escapa e que não é possível ser nomeado e descrito pelas teorias e doutrinas, nem mesmo pelas explicações e concepções sociais ou pessoais. Há algo que, através da linguagem, se revela como não dito, mas provoca os efeitos de um dizer, ao produzir uma *diferença* frente ao padrão conceitual que as palavras “previamente” estabelecem. O registro do simbólico, assim, revela a incompletude das explicações sempre tão parciais e situadas. Também é possível reconhecer a fragilidade fundante das imagens, que emergem, se estabelecem e sucumbem, deixam efeitos, mas não são capazes de representar e especificar a complexidade da existência. Simbólico e Imaginário são construções que buscam explicitar, nomear, por vezes, padronizar a experiência vital, mas é preciso reconhecer seus limites, posto que a própria vida nos surpreende constantemente exigindo deslocamentos e novas elaborações.

A essa dimensão que sempre escapa, surpreende e que a linguagem não dá conta de nomear completamente, Lacan nomeou de Real. O Real é distinto da *realidade* no sentido em que esta se configura como uma construção cultural, imaginária e simbólica.

O real da Psicanálise é o real do inconsciente, diante do qual apenas nos aproximamos através da fala – como seres que se tecem na fala – mas não o capturamos. Mas o real manifesta-se também em inúmeras situações que nos surpreendem frente às concepções pré-estabelecidas: o imprevisto, o inesperado, o inominável. Em nossas vivências mais cotidianas a partir de nosso corpo, em nossas relações cotidianas, em nossos projetos, o real se manifesta revelando que não controlamos tudo, que o mundo não está “subordinado” aos aspectos que estabelecemos, mas, para além de nossos planos, de nossas ações e

concepções, a vida pulsa. Nesse contexto, o que podemos fazer é estar atentos aos efeitos de nossos gestos e ações para que possamos tecer novos caminhos... sempre tão incertos, mas escolhidos.

O reconhecimento desses três registros a partir dos quais vivemos e convivemos contribui para indagarmos: em que medida nossas concepções estão atentas e acolhem dimensões que ultrapassam o que estabelecemos como válido? Em que medida reconhecemos que concepções e teorias (científicas ou não) são elaborações sociais e parciais sobre fenômenos muito mais amplos e complexos?

Quando a Psicanálise lacaniana enfatiza a dimensão do real também nos aponta que cada um, em sua existência, tece e é tecido por aspectos que ultrapassam as escolhas conscientes, mas que estão vinculados à nossa trama singular que não está pré-definida, mas se estabelece nas ações e relações vivenciadas. Como afirma Mrech (1998): “[...] nós nos esquecemos que as nossas relações estão em um contínuo processo de mudança. Em um vir-a-ser. Nós não somos o que vivemos ontem e nem seremos o que vivemos e perceberemos amanhã.”

Reconhecer essa dimensão de singularidade em cada um de nós implica estarmos atentos à singularidade do outro, em seu modo de ser, de agir, mas sobremaneira à sua fala e aos sentidos que ali são tecidos e que, certamente, serão distintos e apresentarão nuances diferentes daquelas por mim elaboradas.

REFLEXÕES E DESAFIOS PARA A PRÁTICA EDUCATIVA

Desde o processo de pesquisa para o Doutorado, com a oportunidade de dialogar com algumas contribuições da Biologia e, mais recentemente, a partir das discussões no NUPPE¹, a questão da singularidade se destaca susci-

¹ NUPPE – Núcleo de Pesquisa em Psicanálise e Educação – coordenado pela Prof.^a Dr.^a Leny Magalhães Mrech (FE-USP)

tando inúmeras indagações e reflexões para as vivências escolares que comportam encontros, desencontros, conflitos, projetos comuns, acolhimento, exclusão etc.

Considerando que a prática educativa se realiza a partir do encontro entre dois sujeitos (no mínimo) que, em si, são diferentes, é interessante constatar como a reflexão sobre a diversidade e, mais ainda, sobre a singularidade humana não se faz presente no cotidiano escolar, nem mesmo nos processos de formação de educadores.

As situações de conflito, sempre tão frequentes, muitas vezes intensificam concepções (ou pré-concepções) individuais arraigadas e não são utilizadas como espaço para reflexão sobre o processo de constituição singular que cada um estabelece a partir de seu organismo, sua história, suas vivências, suas escolhas conscientes ou não. Tampouco são oportunidades para que se reconheçam os limites, mas também as contribuições que cada um tem a oferecer para ampliar as concepções que outro apresenta.

A Psicanálise aguça tais inquietações recordando a tendência narcisista e egocêntrica (e até mesmo etnocêntrica) tão presente em cada um de nós, como efeito de nossas construções imaginárias, no entanto, enfatiza a importância da escuta do outro em sua singularidade, como possibilidade de ultrapassar os limites por nós mesmos assumidos. Mrech (1998), mais uma vez, contribui ao afirmar:

A Psicanálise revela que quando nós excluímos os outros, excluímos a nós mesmos. Apenas os outros podem nos trazer os outros olhares. As outras formas de nós sermos vistos. Quando a gente exclui estes outros olhares, excluímos também a possibilidade de incorporar as diferenças, as discordâncias. Com isto nós ficamos apenas com a nossa opinião, na crença de que ela é certa. O que faz com que nós tenhamos sempre que convencer os outros de que as nossas idéias são melhores do que as deles, uma vez mais nós ficamos com o estereótipo, o preconceito, a imagem, e acabamos nos perdendo e aos demais sujeitos, isto é, a todos aqueles que pensam diferente de nós.

Nesse sentido, a indagação nos remete às possibilidades de atuação para vivenciarmos tais situações de forma diferenciada. Por mais complexa que seja, por exigir de cada um a suspensão de juízos e apreciações prévias, a prática da escuta é a possibilidade para experimentarmos modos distintos de estar com os outros e inventarmos saídas para situações em que os impasses remetem à negação de um ou de outro.

Para a clínica psicanalítica, a escuta é a dimensão fundante do processo analítico. Nesse sentido, é interessante compreender que há uma diferença entre ouvir e escutar. Bastos (2009) recorda que ouvir nos remete aos sentidos da audição, por outro lado, escutar implica prestar atenção para ouvir, estar atento. Sendo assim, a atenção é uma função específica da escuta que solicita o reconhecimento da singularidade do outro.

A escuta precisa orientar-se para a singularidade do sujeito, possibilitando que ele se expresse, fale e implique seu desejo. A psicanálise enfatiza a necessidade de resgatar a singularidade da pessoa por meio de sua fala e de sua palavra. Os alunos, por exemplo, precisam que os professores lhes deem chances de expressarem-se por si próprios, para que possam falar e ser escutados, pois a posição de escuta é fundamental para resgatar as particularidades e as hipóteses de cada um. (BASTOS 2009, p.94)

Numa outra perspectiva, mas profundamente implicado nas questões mais fundantes do fazer educativo, recordamos Paulo Freire e sua ênfase à prática dialógica. Em seu último livro, *Pedagogia da Autonomia*, dedica um item exclusivamente para refletir sobre a exigência da escuta:

Escutar é obviamente algo que vai mais além da possibilidade auditiva de cada um. Escutar, no sentido aqui discutido, significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro. [...] A verdadeira escuta não diminui em mim, em nada, a capacidade de exercer o direito de discordar, de me opor, de me posicionar. Pelo contrário, é escutando bem que me preparo para melhor me colocar ou melhor me situar do ponto de vista das idéias. Como sujeito que se dá ao discurso do outro, sem

preconceitos, o bom escutador fala e diz de sua posição com desenvoltura. Precisamente porque *escuta*, sua fala discordante, em sendo afirmativa, porque escuta, jamais é autoritária. (FREIRE, 2003, p.120, grifo do autor)

Certamente cada um de nós já fez a experiência sempre gratificante do acolhimento de sua palavra pelo outro que nos escuta: um amigo, um professor, colegas, familiares. Possivelmente um dos desafios para a prática escolar seja oferecer oportunidades sempre mais frequentes dessa vivência entre professores, entre professores e equipe gestora, entre professores e alunos, dos alunos entre si, da comunidade escolar. Escutar as percepções e concepções que cada um elabora a partir de um tema, uma situação concreta, um texto, um filme, e dedicar atenção às diferenças que se manifestam e ampliam a percepção inicial de cada um. Reconhecer que as concepções partilhadas não são certas nem erradas, mas diferentes. E, certamente, algumas situações serão oportunas para um trabalho ainda mais intenso na elaboração de acordos ou consensos fundamentais para aquela comunidade educativa, ou seja, serão espaços efetivos de formação ética e cidadã. Mais uma vez recordamos Paulo Freire:

É nesse sentido também que a dialogicidade verdadeira, em que sujeitos dialógicos aprendem e crescem na diferença, sobretudo, no respeito a ela, é a forma de estar sendo coerentemente exigida por seres que, inacabados, assumindo-se como tais, se tornam radicalmente éticos. (FREIRE, 2003, p.60)

Reconhecendo inicialmente a diversidade que se manifesta a partir de nossos organismos, e compreendendo que a diferença que nos caracteriza é ainda mais complexa quando focamos as tramas que cada um tece em sua existência singular, nosso desafio como educadores é, no encontro com os outros, reconhecer e, na medida do possível, acolher o que se nos apresenta como expressão do real, pois nos surpreende em sua diferença. São oportunidades para reconhecermos nossas concepções, pré-concepções e resistências,

mas também oportunidades de revisão, apreciação e reflexão que nos permitam tecer algo novo.

REFERÊNCIAS

BASTOS, A. B. B. I. A escuta psicanalítica e a educação. **Psicólogo inFormação**, ano 13, n. 13, jan./dez. 2009, p.91-98.

CHANGEUX, J.-P. **O homem neuronal**. 2ª ed. Portugal: Publicações Dom Quixote, 1991.

DAMÁSIO, A. **O erro de Descartes: Emoção, razão e o cérebro humano**. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

_____. **O mistério da consciência: Do corpo e das emoções ao conhecimento de si**. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

FREIRE, P. **Educação como prática de Liberdade**. 16ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1983.

_____. **Pedagogia da Autonomia**. 28ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

LACAN, J. **O Seminário. Livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica psicanalítica**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

_____. **O Seminário. Livro 11: Os conceitos fundamentais da psicanálise**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

MATURANA, H. e VARELA, F. **A árvore do conhecimento**. Campinas: Editorial Psy II, 1995.

MATURANA, H. **A ontologia da realidade**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1997.

_____. **Da Biologia à Psicologia**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

MRECH, L. M. (org). **O impacto da Psicanálise na Educação**. São Paulo: Avercamp, 2009.

_____. Os estereótipos e preconceitos dos professores à luz da educação inclusiva e da psicanálise. Conferência pronunciada em 27.agosto.1998. Disponível em: http://www.educacaoonline.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&id=152:os-estereotipos-e

[preconceitos-dos-professores-a-luz-da-educacao-inclusiva-e-da-psicanalise&catid=9:psicanalise&Itemid=20](#). Acesso em 19 de janeiro de 2011

MORIN, E. **O Método3**: O conhecimento do conhecimento. 2ª ed. Portugal: Publicações Europa-América, 1996.

_____. **Os setes saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

SCHNITMAN, D. F. (org.) **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artmed, 1996.